

Transgressão da moral e dos bons costumes: uma análise da entrevista de Leila Diniz ao jornal O Pasquim em 1969¹Fabiane Maurício CUNHA (PUCRS)²Fábio Canatta de SOUZA (PUCRS)³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a representação da mulher no jornal alternativo brasileiro O Pasquim (1969-1991), trazendo como principal objeto de análise a entrevista realizada com a atriz Leila Diniz (1945-1972), em 1969. O tratamento dado às mulheres progressistas é o ponto de partida para um estudo sobre como periódico abordava questões de gênero, tendo como base de referência Crescêncio (2017). É feita uma análise detalhada da entrevista de Leila, trazendo a quantidade de palavrões ditos pela atriz e as perguntas de cunho sexual feitas pelos entrevistadores. A partir dos conceitos utilizados por Bardin (1977) em Análise de Conteúdo, o que se percebe é que O Pasquim tinha ideias progressistas em relação à política do Brasil na ditadura, mas deixava a desejar em questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

O Pasquim; Leila Diniz; machismo; jornalismo brasileiro; ditadura militar.

INTRODUÇÃO

Durante a Ditadura Militar no Brasil, entre 1964 e 1985, a imprensa sofreu com a censura imposta pelo governo. Alguns jornais encontraram maneiras de driblar os censores ou de impedir que suas páginas sofressem um “apagão informativo”. Entre os veículos mais relevantes e consumidos na época está o alternativo O Pasquim, caracterizado pelas críticas ao regime autoritário através do humor e da livre manifestação de pensamentos.

¹ Resumo expandido apresentado ao 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025, em Chapecó (SC).

² Bacharela em Jornalismo pela PUCRS. E-mail: fabianecunha2000@gmail.com.

³ Jornalista, doutor e mestre em Comunicação Social pela PUCRS. Professor no curso de Jornalismo na PUCRS e especialista em Gestão de Pessoas. Pesquisador sobre jornalismo na perspectiva dos direitos humanos e jornalismo audiovisual em diferentes telas. E-mail: fabio.canatta@pucrs.br.

Apesar da proposta de ser um jornal progressista, O Pasquim era considerado um material com ideologias machistas e retrógradas nas questões de gênero. Os membros do jornal desdenharam das mulheres que lutavam pela causa feminista, escrevendo que “lugar de mulher é na cozinha ou no tanque”, pois “não nos deixamos contagiar por essa imbecilidade importada a que se decidiu dar o nome de DIREITOS FEMININOS” (O Pasquim, 1975, ed. 335).

As críticas ao machismo exposto no Pasquim são válidas a partir do momento em que é analisada a entrevista da atriz Leila Diniz ao jornal, em 20 de novembro de 1969. Na ocasião, Leila responde a 15 perguntas de cunho sexual, com poucas respostas envolvendo questões sobre sua carreira artística e planos profissionais.

O deboche em relação às mulheres e suas lutas por direitos não se limita à entrevista de Leila Diniz ao Pasquim. No periódico, as mulheres eram fortemente ridicularizadas por seus pensamentos progressistas ou sexualizadas e zombadas em imagens desfavoráveis e explícitas, onde seus corpos eram expostos de maneira desnecessária. O Pasquim escolhia imagens de mulheres poderosas com ângulos pouco favoráveis para estampar suas capas e reportagens (Crescêncio, 2017).

IMPrensa Brasileira: de 1808 à Ditadura Militar (1964-1985)

Com a chegada da família real portuguesa e da Corte ao Rio de Janeiro, em 1808, publicações de jornais, livros ou panfletos passaram a ser permitidas com o surgimento da Gazeta do Rio de Janeiro. Em paralelo, era impresso em Londres o Correio Braziliense (ou Armazém Literário), fundado por Hipólito José da Costa.

Fundada em 10 de setembro de 1808, a Gazeta do Rio de Janeiro era publicada duas vezes por semana, sendo um jornal oficial da Corte, publicando informações favoráveis ao governo e comunicados oficiais da Coroa.

Publicado em Londres, o Correio Braziliense defendia ideias liberais como a instauração de uma monarquia constitucional e o fim da escravidão no Brasil.

Após a Proclamação da República, em 1889, e a virada para o século XX, a criação e o surgimento do rádio no Brasil permitiram a divulgação de propagandas políticas no país. No governo de Getúlio Vargas, em 1935, foi criado o programa *Hora do Brasil*, que divulgava as atividades governamentais.

Em 1952, o *Repórter Esso* passou a ser veiculado também na televisão, transformando-se no telejornal mais popular da época.

No ano de 1964, tropas militares tomaram o Rio de Janeiro em temor a uma suposta ameaça comunista no Brasil por parte do então presidente João Goulart. Com o golpe militar, a censura aos meios de comunicação “inaugurou um período de sérias restrições às liberdades de imprensa e de expressão, afetando sobremaneira as atividades jornalísticas e, conseqüentemente, o direito de a sociedade informar e ser informada com independência” (Moraes, 2014, p. 33).

Reportagens, artigos, charges, documentos e materiais artísticos que demonstravam qualquer crítica ao governo militar e afetavam, na visão dos militares, a “segurança nacional” e a “ordem pública” tinham suas publicações proibidas.

Nesse contexto, jornalistas foram cerceados e, não raro, impedidos de cumprir plenamente sua função principal: a de informar os leitores com liberdade. Na maioria das vezes não havia, portanto, espaço para abordagens mais críticas sobre os assuntos tratados ou para se explorar as questões e os fatos em suas diversas faces (Moraes, 2024, p. 33).

O PASQUIM E AS MULHERES

Considerado um dos mais famosos jornais alternativos da época, *O Pasquim* teve sua primeira edição em junho de 1969, no Rio de Janeiro. Composta por ilustradores, chargistas e jornalistas como Jaguar, Ziraldo, Millôr Fernandes, Fortuna e Tarso de Castro, o periódico trazia o humor como forma de tecer críticas ao governo.

Em 1969 vivíamos um ano de niilismo na imprensa. *O Pasquim* surgiu nessa época, aproveitando uma brecha, o momento em que os jornais, entre janeiro e junho daquele ano, ainda não tinham se recuperado do susto do AI-5. (Chinem, 2004, p. 88).

Inicialmente, *O Pasquim* trazia mais temas comportamentais como questões a respeito de sexo, drogas e feminismo. Neste último caso, conviveu com acusações de machismo por mostrar mulheres em todas as páginas e dar espaço ao questionável humor de antifeministas, como seus próprios fundadores. Segundo Crescêncio (2017, p. 6), “O Pasquim não é o primeiro nem será o último jornal a escolher ângulos pouco favoráveis de mulheres poderosas para divulgar em capas e reportagens”. O jornal

entrevistava ativistas pelos direitos das mulheres e as convidava a lavar louças, criava charges que traziam mulheres de forma objetificada, mostrando que beleza era uma característica de mulheres burras e não de feministas.

Em contrapartida à liberdade sexual refletida pelo jornal como oposição à censura e à moral e aos bons costumes, *O Pasquim* também reforça os papéis de gênero ao publicar piadas de reprovação à traição de uma mulher e ao estímulo à infidelidade de um homem. A edição n. 19, de 1969, traz um anúncio de livros em que duas das frases selecionadas são “Mulher é como carro, é bom pra quem tem dois” e “Antes as mulheres casavam para ter um marido. Hoje as mulheres casam para ter um amante”. (O Pasquim, 1969, ed. 19, p. 7).

LEILA DINIZ NO PASQUIM

No ano de lançamento do jornal, foi publicada na íntegra uma entrevista com a atriz Leila Diniz (1945-1972). A entrevista é conduzida por diversos membros da redação do Pasquim, com a atriz sendo fotografada usando uma toalha na cabeça enquanto todos os presentes fumam e bebem como se estivessem em uma mesa de bar.

Os assuntos surgem conforme as respostas da atriz, com a primeira parte focando em sua carreira e em sua vida como professora antes de estrelar o filme “Todas as mulheres do mundo” (1966), de Domingos Oliveira (1936-2019).

Por não haver regras nem ordens, a linguagem da entrevista é informal, como uma “conversa de bar”, uma vez que Leila está inserida na “patota” do Pasquim. Portanto, perguntas e respostas são escritas na íntegra e de forma literal, como foram ditas durante a conversa. Desta forma, é possível compreender o tom informal da entrevista, como uma conversa entre amigos. A linguagem chama atenção por conta de algumas gírias como “saco” e “água com açúcar” (O Pasquim, 1969, ed. 22, p. 9-10), deixando a conversa em um tom informal.

Não somente os entrevistadores, mas a própria Leila Diniz se apropria de gírias. “Paulo José. Essa é *mole* de responder”, diz a atriz após ser questionada com qual ator mais gosta de trabalhar. Para ela, “teatro é um saco” (Diniz, 1969, p. 9). Leila também utiliza a expressão “paca” várias vezes para se referir a quantidade. “Domingos usou troços *paca*. [...] Está vendendo *paca*. [...] O negócio está sendo aceito *paca*. [...] A gente se deu porrada *paca* pra fazer” (Diniz, 1969, p. 10).

Com a utilização dos asteriscos no lugar dos palavrões, o entendimento do que Leila Diniz comentou na entrevista ao Pasquim não é prejudicado e deixa a linguagem mais objetiva, com os envolvidos falando o que querem sem preocupação. Afinal, as palavras foram censuradas pelos próprios editores para que o jornal não fosse prejudicado pelo governo militar. Ao todo, a atriz falou 72 palavrões. Como as palavras não eram escritas, os editores do Pasquim se apropriaram dos símbolos “&\$#!” para estampar a capa da edição 22.

Leila fala tudo o que quer, e conta com clareza e usa muitos palavrões. O Pasquim se habituara a não copidescar as entrevistas. [...] Como adaptar a frase para tirar os palavrões sem deformar o sentido? A solução foi simples e criativa: deixar como está, só que no lugar de cada palavrão usa-se um asterisco entre parênteses. (Braga, 1991, p. 31).

Ao todo, Leila disse 72 palavrões. Mesmo com a grande quantidade, os entrevistadores não trataram essa questão de forma absurda, como se existisse uma lei que proibisse uma mulher de falar palavrões.

Além dos palavrões, Leila respondeu perguntas sobre sua própria vida. As questões envolviam mais a vida sexual e amorosa da atriz do que sua amizade com outras pessoas. Afinal, Leila Diniz era considerada uma mulher bonita e “sexy” na época, muitas vezes sendo vista como objeto de desejo dos homens. No Pasquim não foi diferente. A atriz recebeu um bom tratamento dos entrevistadores, mas as perguntas de cunho sexual têm um tom invasivo.

Em determinado momento da entrevista, Sérgio Cabral pergunta a Leila: “Você deixou de ser virgem com que idade?” (O Pasquim, 1969, ed. 22, p. 12). A partir dessa pergunta, são elaboradas outras questões de cunho sexual. Os entrevistadores desejam saber quem foi o primeiro homem com quem Leila fez sexo, mas ela não responde literalmente, apenas diz que mantém uma amizade com o sujeito e questiona se tais informações serão publicadas no Pasquim. Ao todo, é possível contabilizar 15 perguntas de cunho sexual direcionadas à atriz, que falou 72 palavrões ao longo da entrevista.

CONCLUSÃO

As respostas de Leila Diniz na entrevista ao Pasquim sugerem a construção da imagem de uma mulher sexualmente livre, que faz e fala o que quer em uma época de forte repressão política e social.

Apesar do sucesso e das abordagens políticas tratadas com sarcasmo, O Pasquim sempre teve sua imagem ligada à superioridade masculina em relação às mulheres. Imagens sexualizando corpos femininos e textos diminuindo a existência das mulheres enquanto seres sociais são comuns nas páginas do periódico, o que levou a uma reflexão que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

O machismo no Pasquim era disfarçado com um discurso progressista no jornal e críticas à sociedade e à política conservadoras que dominavam o Brasil durante a ditadura militar. As atitudes discriminatórias veladas são provenientes de um estilo social patriarcal da época, mas não era aceito por membros de grupos atingidos pelos discursos, como segue o exemplo de uma leitora mulher que enviou uma carta ao Pasquim criticando o fato de que “não há nenhuma mulher escrevendo” (O Pasquim, 1975, ed. 335). Na ocasião, a resposta do jornal apenas confirma a crítica ao escrever “Clube do Bolinha, sim! Mas entrando nas meninas”. Mesmo que os editores permitissem a livre manifestação de pensamentos tanto dos membros da redação quanto de leitores e entrevistados, é notório o desdém do Pasquim em relação às questões de gênero debatidas na época.

As perguntas de cunho sexual direcionadas à Leila Diniz trazem pouca informação jornalística relevante. É fato que Leila falava livre e abertamente sobre sua vida pessoal e o direito das mulheres à liberdade sexual, respondendo a todas as questões de maneira leve, descontraída e objetiva, utilizando palavrões em quase todas as frases. No entanto, lendo entrevistas do Pasquim feitas com homens é notória a diferença de comportamento dos membros do jornal. Aos homens, raramente eram direcionadas questões sobre sexo. A fim de exemplificar, durante a entrevista com o ator Anselmo Duarte (O Pasquim, 1969, ed. 19), membros do jornal o questionam sobre escolas de dança “de alta malandragem” no Rio de Janeiro. O ator responde que “era um negócio bastante maroto também, mas não era *táxi-girl*⁴” (mulher que trabalha como dançarina em cabarés), enfatizando que as mulheres na escola eram professoras de

⁴ Expressão popular para referir-se a mulher que trabalha como dançarina em cabarés.

dança. No entanto, um membro do Pasquim insiste em perguntar “mas se quisesse fazer programa, podia?”. Anselmo, que acabara de evidenciar que as mulheres eram professoras, se contradiz ao dizer que para “fazer programa” “não precisa ser escola de dança para isso. Pode ser até colégio de freira” (O Pasquim, 1969, ed. 19). Assim, algumas perguntas são a respeito de mulheres com quem o ator já teve relações, nunca sobre como ele perdeu a virgindade ou o que gosta de fazer na cama, como foi no caso de Leila Diniz. Anselmo Duarte respondeu mais perguntas sobre sua vida profissional do que sexual, ao contrário de Leila. Aliás, a atriz é citada na entrevista quando Anselmo responde quem são as melhores atrizes brasileiras da época:

Leila Diniz é boa atriz. Ela é ótima colega, excelente pessoa. Só que não dá pra botar a família perto quando ela está falando. Ela é bastante avançada na linguagem. Bastante evoluída. Tem uma linguagem boa para homens. Gosto muito dela, mas acho que a esposa de ninguém gostaria. Ela é uma mulher dedicada a homens. (O Pasquim, 1969, ed. 19).

À Leila Diniz, pouco foi perguntado a respeito de sua vida profissional e suas perspectivas para o futuro como atriz. Das 65 perguntas direcionadas à atriz que foram contabilizadas neste trabalho, 15 eram de cunho sexual.

Dos 72 palavrões representados por asteriscos, 18 foram identificados, com alguns sendo repetidos mais de duas vezes. Desta forma, conclui-se que os asteriscos entre parênteses utilizados para censurar as palavras de baixo calão não impedem a interpretação literal da frase, que não perde o contexto, apesar da censura, uma vez que foi possível identificar os palavrões. A atriz falou, no total, 72 palavras de baixo calão e respondeu a 15 perguntas de cunho sexual.

Por fim, conclui-se que O Pasquim teve uma significativa importância no jornalismo brasileiro durante a ditadura militar, ao trazer críticas ao governo. Porém, os discursos progressistas caíam por terra quando frases e charges machistas ou homofóbicas eram publicadas como se fossem “humor”, o que prejudica a imagem do jornal nos dias atuais. Afinal, novos estudos sobre O Pasquim foram publicados e destacaram o preconceito nas páginas do periódico carioca, como Pires (2004) e Soihet (2008). Além disso, as concepções a respeito de machismo e feminismo nos anos 1960

e 1970 são diferentes dos dias atuais, quando as pessoas têm mais acesso a esses conceitos a partir das redes sociais.

REFERÊNCIAS

CHINEM, Rivaldo. **Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da Ditadura à Internet**. São Paulo: Disal, 2004.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Antifeminismo e ressentimento: As mulheres no O Pasquim. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, 2017. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017, Florianópolis. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498609031_ARQUIVO_Cintia_Lima_Crescencio_Texto_completo_MM_FG.pdf. Acesso em: 26 set. 2024.

MORAES, Livia Assad de. Ditadura militar: a memória jornalística como parte da revisão histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 2, p. 33-41, jul./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.3220144133>. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4133>. Acesso em 30 set. 2024.

O PASQUIM. Rio de Janeiro, 1969-1991. 19. ed. 1969.

O PASQUIM. Rio de Janeiro, 1969-1991. 22. ed. 1969.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, 1969-1991. 335.ed. 1975.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. Um espaço feminista no universo masculino do Pasquim. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, MG, v. 12, n. 15, p. 83-101, ago./dez. 2004. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/CEF/PDF/v12n15/Pires.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. **ArtCultura**, v. 9, n. 14, p. 39-53, 10 out. 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1444>. Acesso em: 20 set. 2024.